

Acordo sobre segurança condiciona negócios sul-africanos em Maputo

REPRESENTANTES de Moçambique e da África do Sul reuniram esta semana em Pretória e debateram medidas destinadas a evitar que nenhum dos Estados venha a servir como base de agressão contra o outro. Mas, se as questões de segurança dominaram as conversações entre ambas as partes, homens de negócios sul-africanos que se deslocaram a Maputo tentaram ir o mais longe



Alves Gomes

possível nestes primeiros contactos oficiais no campo económico, estabelecidos entre os dois países. As reuniões dos últimos dias, que decorreram um ano após o primeiro encontro ministerial en-

tre os dois governos, e para as quais muito contribuíram as pressões diplomáticas britânicas e norte-americanas sobre o Governo de Pretória, a fim de que a abertura moçambicana fosse aproveitada, irão conduzir a um novo estágio de relacionamento bilateral, segundo a opinião de intervenientes nos contactos e de observadores.

Com o objectivo fundamental de pôr termo à guerra e à desesta-

bilização, «sem que isso signifique a alteração de opções políticas e económicas», como referiu ao EXPRESSO uma fonte moçambicana, as conversações tiveram por objectivo dar os primeiros passos para uma definição das normas de uma política de coexistência pacífica, — «garantia que não devemos perder para evitar uma guerra que também não serve os

(Continua na pág. 20)

(Continuação da pág. 1)

«nossos interesses, nem os do Ocidente», disse-nos um representante de Maputo.

No início das conversações de carácter económico, o ministro moçambicano dos Assuntos Económicos, Jacinto Veloso, frisou que considerava a presença da delegação visitante «reveladora da intenção do Governo sul-africano de desenvolver acções que ponham termo à escalada de violência e guerra».

O nível de interesse demonstrado pelo sector privado sul-

-africano num relacionamento económico com Moçambique, liberta da atmosfera de hostilidade militar do regime do «apartheid», marcou os contactos feitos em Maputo. Um membro da delegação de Pretória afirmou-nos que havia «uma directiva do seu Governo no sentido de nada se decidir em Maputo, no sector económico, enquanto não houvesse resultados positivos da reunião sobre segurança».

A contradição entre a atitude dos grandes grupos financeiros da África do Sul, que advogam o res-

tabelecimento de relações de coexistência sem se ter de recorrer à violência, e a «linha dura dos militares».

Enquanto os jornais de língua inglesa, ligados ao grande capital, deram grande destaque às reuniões, os de língua «afrikaander», normalmente ligados ao Partido Nacional, de Botha, relegaram o acontecimento para as páginas interiores. Um jornalista disse-nos que o ceticismo reinante na Imprensa sul-africana sobre os resultados das conversações era exacta-

mente devido a este facto e também em virtude de o Governo ter mantido silêncio absoluto quanto aos resultados até agora atingidos.

Embora a Imprensa sul-africana tenha dado a entender que estas conversações tinham já produzido um acordo, e outros jornalistas se tenham referido à possibilidade de o apoio moçambicano ao Congresso Nacional Africano (ANC) estar na iminência de ser retirado, a verdade é que ambas as notícias nos foram desmentidas.